

POESIA DE BANHEIRO: (R)EXISTÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO

Natália Marques da Silva Soares; Thyanne Guilherme Calixto; Marlene Helena de Oliveira França

*Universidade Federal da Paraíba
nataliamarquespb@gmail.com
thatygc@hotmail.com
marlenecel@hotmail.com*

Resumo: A resistência feminina, feminista e política têm consistido na luta de inúmeras mulheres, que livrando-se das correntes do patriarcado vivenciam a desconstrução desse sistema no cotidiano e no convívio diário, muitas vezes marcado pelos discursos discriminatórios e preconceituosos. Os meios que esse empoderamento surge são os mais diversos, desde a mídia televisiva, internet, redes sociais, ruas, palcos, músicas, poesias, produções acadêmicas e literárias, grafites, artes plásticas e visuais, debates, palestras, diálogos casuais, entre outros. No entanto, as expressões presentes nos banheiros femininos constituem-se a motivação principal da presente pesquisa, que tem por objetivo analisar as expressões de estudantes, servidoras, funcionárias, professoras, e demais mulheres que circulam os banheiros da Universidade. O caminho metodológico escolhido foi à revisão bibliográfica acerca do corpo feminino, gênero, patriarcado, movimento feminista, e as formas de resistência às determinações sociais que marginalizam o feminino. Para a coleta de dados, mapeamos frases e expressões escritas nos banheiros femininos do Centro de Educação - CE e Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus I. Os escritos encontrados manifestam traços do corpo, da violência, de gênero, posicionamentos políticos, empoderamento, angústias, emoções, motivações, como “Preta, vc é linda!”, “Quando uma mulher avança, o machismo retrocede”, “Resistência feminina crew”, “Mulher é deusa”, “Fora Temer”, “Mulheres, se unam”, “Já gozou hoje, mulher?”, “Amar sem Temer”. Com base no levantamento bibliográfico e expressões coletadas, evidencia-se as marcas da imagem e a representação social que a mulher tem de si, reafirmando que sim, nós, mulheres possuímos emoções, sexualidade, autonomia e, sobretudo, que a luta é diária, que o feminismo liberta e que o espaço público é nosso, portanto, é também, local de expressão e manifestação de desejos.

Palavras-chave: Poesia, resistência, empoderamento, mulher.

Introdução

A luta diária pela liberdade sexual, social e política são marcas da nova mulher, que não aceita mais frases como: “fecha as pernas, senta como uma moça, tenha modos, você não pode andar sozinha na rua, isso não é hora de mulher estar na rua, essa roupa está muito curta, a culpa é sua, se dê ao respeito, transar no primeiro encontro é coisa de puta, assim nenhum homem vai te querer, vai casar quando? tem que aprender a cozinhar para arrumar marido, você só se torna mulher depois que tem filho”. Essas são algumas expressões que acompanham a mulher durante a sua trajetória, entretanto, a mulher atual não tem aceitado mais esse tipo de tratamento que são a marca da repressão de sua liberdade.

A reprodução de desigualdades de gênero é um processo recorrente, e se dá no cotidiano da mulher por meio dos espaços que ela ocupa. Ao observarmos o meio em que vivemos, não precisamos de muito tempo para percebermos que existe um padrão que a sociedade impõe. Este padrão está

relacionado ao gênero, à sexualidade, a religião, cor/etnia, sendo o indivíduo padrão da sociedade o homem, heterossexual, cristão e branco, além de estar economicamente acima da maioria. Este fato tão antigo e ao mesmo tempo atual, nos leva ao seguinte questionamento: Por que, a sociedade ainda insiste em padronizar homens com este estereótipo, deixando mulheres, crianças, idosos, pessoas de outras raças, pessoas de outras religiões e pessoas economicamente desfavorecidas à margem?

É buscando problematizar essa temática que dividimos o trabalho da seguinte forma. Inicialmente, pretendemos abordar a discussão sobre o corpo da mulher e como ele é constituído na sociedade. Em seguida, será discutido as questões de gênero, patriarcado e feminismo e, por fim, a política e sua influência nos espaços que a mulher ocupa.

Metodologia

Para a construção do presente artigo optou-se como caminho metodológico a revisão bibliográfica, realizada, sobretudo, a partir de uma cuidadosa revisão nos livros que tratam acerca do Corpo feminino, Gênero, patriarcado e violência e História das relações de gênero. Pensando na conexão com as expressões das mulheres, utilizou-se como procedimento a pesquisa de campo, coletando escritos nas portas e paredes dos banheiros principais, situado nos corredores, do Centro de Educação/CE e Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/CCHLA da Universidade Federal da Paraíba - UFPB Campus I. Tais registros foram feitos através de fotos retiradas nos locais já mencionados. O critério de escolha para as amostras consistiu nas imagens visíveis, que expressassem os sentimentos e, sobretudo, a representação social que a mulher tem si e da (o) outra (o), assim como o sistema social, no qual está inserida e que, na maioria das vezes, acaba por ditar regras de como ela deve se comportar, logo, aquela que foge a esse padrão, rompe com um padrão comportamental não esperado e “não recomendado” para uma mulher.

Para Prodanov (2013) a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e/ou fenômenos, fazendo uso de registros significativos para análise das hipóteses formuladas. Quanto à forma de abordagem, o artigo é de cunho qualitativo, segundo Marconi; Lakatos (2012) consiste na descrição

de informações obtidas, em que o pesquisador entra em contato direto com o objeto. Assim, buscou analisar as “poesias de banheiro” a partir dos (as) autores (as) que desenvolvem produções a respeito do corpo feminino e suas dimensões históricas, sociais e políticas.

Resultados e discussão

Os resultados e discussões são frutos das leituras feitas acerca da temática, a começar pelo corpo, que pode ser entendido como uma estrutura física de um organismo vivo (ser humano ou animal), um conjunto formado por cabeça, tronco e membros, entre outras definições, porém a discussão de corpo que trazemos nesta pesquisa, reflete sobre outro modo de pensar o corpo, especificamente, o corpo da mulher.

Além de ser algo material, cheio de funções fisiológicas (como qualquer corpo), o corpo da mulher é construído ao longo da história na sociedade e pela sociedade, se modifica de acordo com as diferentes épocas, lugares e culturas. De acordo com Goellner (2003, p. 29).

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que adornam as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Diante disto, podemos entender do que se trata o corpo da mulher e como ele se revela na sociedade. O corpo está também interligado ao discurso, ou seja, a linguagem, pois esta “tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável” (GOELLNER 2003, p. 29). Este discurso sobre o corpo é mutável, ou seja, ele se modifica de acordo com o tempo, com as regiões e povos.

A partir dos meios de comunicação, músicas, filmes, livros ou telenovelas, observamos um discurso enraizado sobre o corpo feminino. Tal discurso permeia nossa vida cotidiana, de modo que

as mulheres tendem a construir identidades de acordo com o que é dito por estes meios. Para Foucault (1979, p. 47).

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política.

Nesta perspectiva, o corpo feminino vem sendo moldado e (des)configurado de acordo com as imposições sociais do que se espera dessa mulher, as consequências desses modelos são das piores, principalmente, nas mulheres que não conseguem alcançar esse padrão, passando a desejar ter o corpo de outra, além da insegurança. Sobretudo, no Brasil que se configura em um país onde a mulher é tida como produto de consumo e comercialização, constantemente veiculado pela mídia, como afirma BELELI (2010, p. 44)

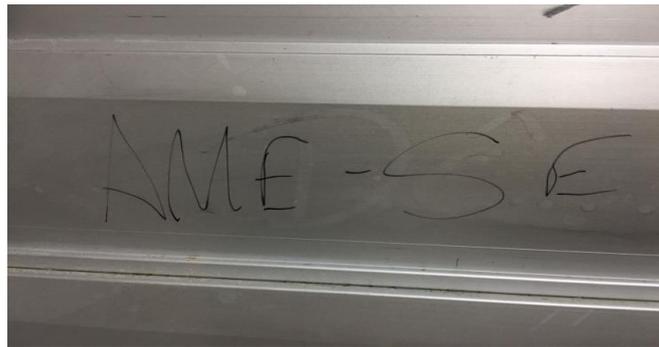
No entanto, algumas palavras-chave fazem parte da linguagem corrente – Deus, Eva, Sensual, Brasil -, que sugerem uma padronização da “mulher brasileira” como a mais sensual, uma evocação que coloca àquelas que não são vistas, ou não se veem, como sensuais fora da normalidade [...] Neste sentido, chama a atenção a valorização da “boca carnuda” como parte do jogo sedução/desejo e que provocou, nos últimos anos, uma corrida de mulheres de peles claras para o preenchimento de lábios.

Ainda de acordo com Beleli (2010) esse corpo feminino, apresentado como sensual e exótico desperta desejos e fantasias, principalmente, em virtude da propaganda feita nacional e internacionalmente de que a mulher brasileira é o produto e o Brasil se configura no local de consumo desse produto, alguns exemplos são os comerciais transmitidos na televisão, páginas de internet, cartazes e outdoor, produtos de sex shop, entre outros; Além da “ênfase na bunda da mulher brasileira é recorrente na publicidade” (BELELI, 2010, p. 46).

A disseminação desse estereotipo reflete na imagem que a mulher tem de si, principalmente, as que se veem fora desse padrão, com isso, a representação que a mulher de si e do próprio corpo são resultados das experiências individual e coletiva humana. Para muitas, alcançar o padrão de beleza ainda se constitui uma meta, outras, no entanto, veem nas curvas do seu corpo a beleza exposta pela

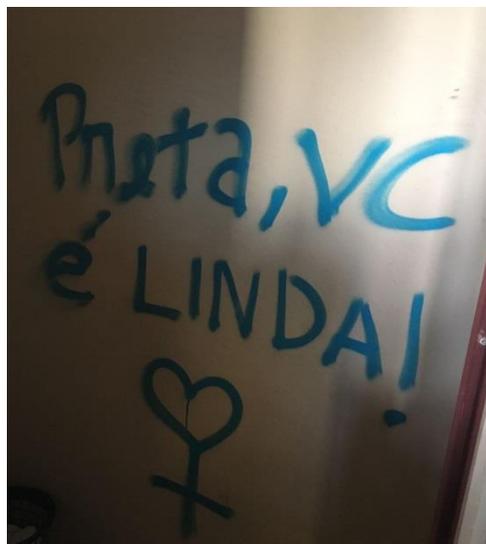
mídia, revistas e catálogos, que vendem um “corpo” através de seus produtos (cosméticos, vestuário, estética, etc). Sobre isso, encontramos imagens como mostra abaixo, que visam empoderar essas mulheres a aceitarem-se a si e seu próprio corpo.

Figura 1: Ame-se



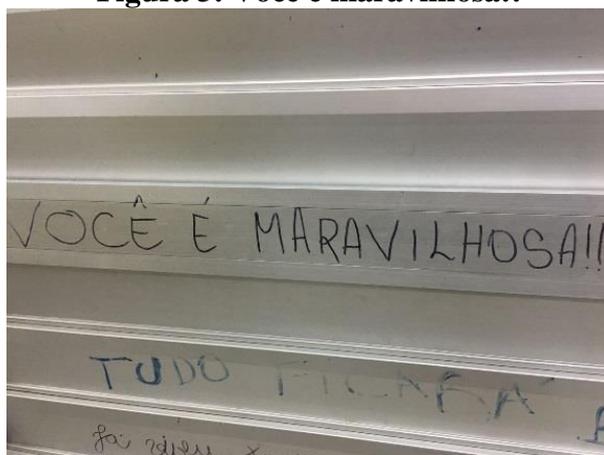
Esses fatores se dão pela presença do patriarcado nas esferas públicas e privadas, incluindo especialmente, a política e direitos e deveres criados por homens e, para homens, que refletiu e continua por refletir negativamente nas mulheres. Principalmente, as mulheres negras que historicamente têm sua imagem atrelada a sujeitos extremamente sensuais, mulheres em que se pode fazer de tudo, mulheres “vendidas” como produto prontas para o consumo. O conceito de corpo e imagem feminino vê-se também ligadas às relações de gênero firmadas em sociedade, que colocou a mulher em posição de sujeição, submissão e inferioridade, sobretudo, as mulheres negras que são vistas como “exóticas”, “a cor do pecado”.

Figura 2: Preta, vc é linda!



O conceito de corpo e imagem feminino vê-se também ligadas às relações de gênero firmadas em sociedade, que colocou a mulher em posição de sujeição, submissão e inferioridade, sobretudo, as mulheres negras que são vistas como “exóticas”, “a cor do pecado”. De acordo com Djamila Ribeiro ocorre um ultrassexualização do corpo da mulher negra, onde o exótico é tido como elogio. A imagem estereotipada da mulher negra a condiciona a lugares à margem da sociedade, imagem essa, atrelada também aos fatores socioculturais que colocam a mulher negra em espaços mínimos e determinados. A não representatividade da mulher negra em diversos espaços, como: a mídia televisiva, propagandas de revistas, brinquedos, etc. tornam ainda mais importante o empoderamento desta mulher. Como vimos neste escrito do banheiro, a mulher afirma que a mulher negra é linda, sendo assim, deve se orgulhar por sua beleza, sua essência.

Figura 3: Você é maravilhosa!!



Como exposto acima, depara-se com inúmeras frases de valorização e empoderamento de mulheres para outras mulheres, que entendem o espaço íntimo feminino – Banheiro – local propício a troca de sororidade, que por vezes acontecem através de mensagens e poesias nas portas e paredes. Tais escritos se contrapõem ao discurso propagado e veiculado da mulher em sociedade, que as colocam em posição secundária, uma vez que, como afirma RAEL (2003, p. 165)

O ideal feminino vai se constituir a partir da lógica binária do masculino/feminino, onde o primeiro termo é valorizado e se opõe ao segundo termo, visto como negativo. O primeiro termo é tomado como verdadeiro e desejável [...] É o masculino quem

tem o poder de instituir a representação, de falar sobre o outro [...] de falar sobre a mulher.

Essa posição masculina resulta não só no discurso sobre a mulher, mas também nos espaços em que esta se insere, a exemplo o meio político, que por vezes se limitou a imagem do homem, assim como sua educação, que era limitada a ensinamentos domésticos, como afirma Hahner (2003, p.73-74) “as relativamente poucas escolas existentes no século XIX no Brasil enfatizam atividades complementares aos papéis femininos de esposa e mãe. As diferenças entre a educação reservada para os homens e a destinada às mulheres reforçava, a ideia de mundo masculino e feminino distintos.”

Apesar disso, atualmente, as mulheres têm ocupado pequenos espaços nos meios políticos nacionais, entretanto, as mudanças nas políticas públicas que contemplem as mulheres estão longe de ser alcançadas, principalmente por serem espaços majoritariamente ocupados por homens. Assim, diante do quadro político atual, as expressões de resistência e diversidade de posicionamento político estão presentes nas manifestações de mulheres, como mostra a imagem abaixo

Figura 4: Amar sem Temer!



E, nesse contexto que mulheres estão se contrapondo às ordens sociais, recusando para si e para as companheiras de luta da história, que estão fazendo história e que farão história as opressões e marginalização do corpo e da imagem feminina em sociedade. Seguindo esse caminho, buscamos debater acerca dessas expressões nos locais públicos, unicamente utilizado por mulheres, optando assim, pelos banheiros dos corredores principais da UFPB, identificando os processos discursivos

dessas mulheres manifestados nas portas e paredes e, como as amarras sociais influenciam esses discursos.

Figura 5: “AMOR ENTRE MULHERES”

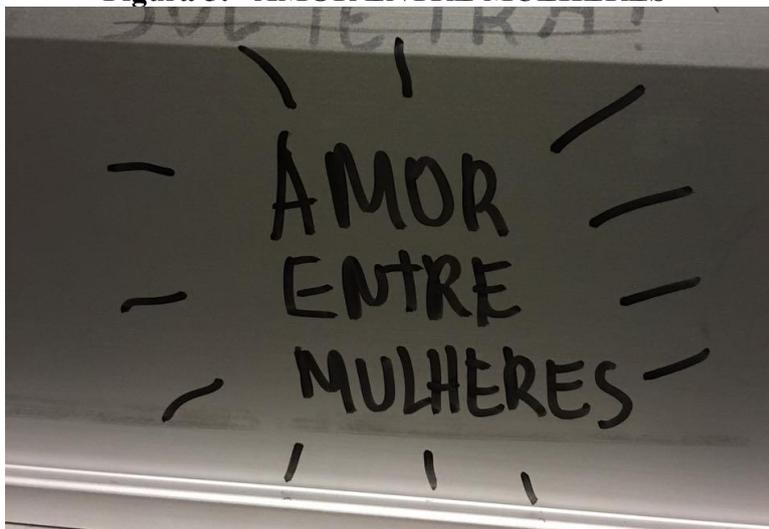
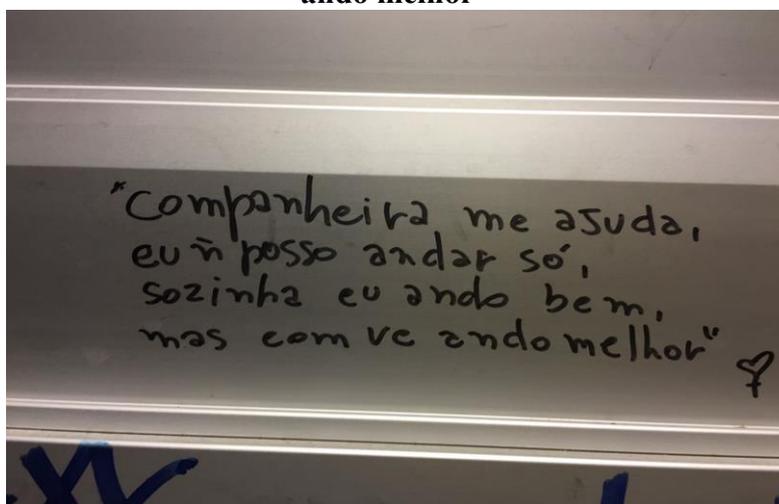


Figura 6: “companheira me ajuda, eu ã posso andar só, sozinha eu ando bem, mas com vc ando melhor”



As figuras acima demonstram que as mulheres que frequentam esse banheiros voltam-se principalmente para questões da imagem, do corpo e da política, tendo em vista, a marginalização

das mulheres nos centros urbanos, na cidade e no campo, refletidos cotidianamente pelas tentativas de silenciamento. Com isso, a união das mulheres se mostra aqui como um meio de combate as opressões sociais, adentrando os aspectos das relações de gênero, poder, sexualidade, raça, expressos através dos escritos presentes em um espaço somente ocupado por mulheres, na tentativa de empoderar e fortalecer para que estas reconheçam seu poder enquanto mulher, que possuem direitos e devem exercê-los.

Conclusões

Diante do que foi exposto, nossas impressões ao final da pesquisa é que o corpo é (re)produzido pelo coletivo e pelo individual, sendo este uma ferramenta bio-política. As mulheres têm mais consciência de como acontecem as relações de gênero e poder, identificando-as e contrapondo-se diante destas questões.

Além disso, escritos como os presentes nas figura 5 *“amor entre mulheres”* e figura 6 *“companheira me ajuda, eu ã posso andar só, sozinha eu ando bem, mas com vc ando melhor”* demonstram que a representação da sororidade, no sentido de que mulheres se apoiam, se amam, e precisam umas das outras para combater práticas sexistas, discriminatórias, machistas, que legitimam o androcentrismo, tornando a mulher um sujeito secundário.

Assim, entendemos que apesar dos efeitos nocivos das estruturas de poder na representação do feminino, as mulheres estão dizendo “NÃO” e buscando ocupar todos os espaços que antes fora negado, na reafirmação da sua autonomia e liberdade na rua, no trabalho e, nos demais espaços públicos e privados.

Por fim, observou-se também, que as mulheres que ocupam os espaços da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, especificamente, no Centro de Educação - CE e no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA, se mostram mais presentes no espaço público, possuindo a consciência de que o corpo é sua propriedade, de modo que vivem de acordo com o que acreditam

ser melhor para elas como o escrito exposto na figura 3 “*you are amazing*”, dando a ideia de que a mulher é mais do que ela pensa ser, empoderando a si mesma e a outras mulheres.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, M. E. P; ANDRADE, F. C. B; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual**: um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009. 56 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Disponível em
:<https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder__Michel_Foucault.pdf
>.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade** - um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 160 p.